Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Conflito midiatizado e nomadismo de sentidos em circulação: do Comando Vermelho à Guerra Russo-Ucraniana

Mediatized Conflict and Nomadism of Meanings in Circulation: From Comando Vermelho to the Russo-Ukrainian War

Igor Fernando Mallmann

Palavras-chave: Conflito midiatizado; Imaginário; Guerra Russo-Ucraniana; Segurança Pública.

Após mais de quatro anos de combates inconclusivos, mortes, destruição e negociações de paz fracassadas, a Guerra Russo-Ucraniana já não mobiliza mais os afetos midiáticos como em suas primeiras semanas, quando os telejornais dedicavam longos minutos para denunciar a violência. É claro, pode-se afirmar que se perde o critério da novidade, os possíveis impactos econômicos se estabilizam e a guerra, para quem está longe geograficamente, se torna só mais um evento de rotina. Outras guerras eclodem e roubam a atenção do jornalismo. Mas a circulação não morre; pelo contrário, ela se intensifica em outros circuitos e com outros temas, atingindo camadas simbólicas mais profundas. Por exemplo, houve uma fase de deslocamento da cobertura midiática para os políticos, protagonistas de negociações (briga entre Trump e Zelensky, encontro de Trump e Putin), com enxurradas de disputas de sentidos e memes.

Agora, em 2026, um forte tópico que tem mobilizado a circulação, tanto do jornalismo tradicional quanto de circuitos mais nichados (militar, geopolítico) tem sido a face tecnológica da guerra: os drones, robôs de vários tipos, auxílio de inteligência artificial etc. Porém, a diversidade e imprevisibilidade das apropriações e disputas em

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

circulação está sempre presente. Em sua tese de doutorado, estudando capas jornalísticas sobre a guerra no Brasil e Suécia, Camila Hartmann conclui que "Grosso modo, os resultados da análise podem assim ser sumarizados: nossas guerras são outras" (2024, p. 367). Mas o que ocorre quando aquela guerra (Rússia x Ucrânia) se imbrica com uma das "nossas guerras" (combate ao tráfico e segurança pública? Aqui proponho o estudo da circulação de sentidos em torno dos relatos e publicações que dão conta de brasileiros que se voluntariaram a lutar pela Ucrânia da Guerra. Mais especificamente, debruço-me aqui ao circuito elaborado acerca de um suspeito de integrar a organização criminosa Comando Vermelho, cujas imagens e vídeo junto às forças ucranianas emergiram em veículos jornalísticos e posts de plataformas digitais como X, Telegram e YouTube. O que torna mais interessante esse evento é que as primeiras inscrições destes conteúdos em circulação se deram poucos dias após à chamada megaoperação policial nas favelas cariocas (Operação Contenção), visando justamente integrantes do Comando Vermelho.

Essa materialidade é aqui abordada na perspectiva de conflito midiatizado, parte de um estudo mais amplo que vem sendo desenvolvido em meu doutorado em Comunicação. O conflito midiatizado "não se trata de uma guerra que ascende ao espaço midiático, mas de sua organização em torno das lógicas da midiatização" (Rosa, 2024, p.4). Engendrados para a circulação enquanto instância de disputa de sentidos e atribuição de valor (Rosa, 2019), são conflitos que dependem fortemente do trabalho de sujeitos "comuns", muitas vezes distantes geograficamente, que consomem o conteúdo sobre a guerra e elaboram "novos fronts" no ambiente digital. Disputas que transbordam para além do território digital - impactando em decisões políticas locais, por exemplo, e no campo dos imaginários midiáticos e sociais. Não é mera cobertura ou espetacularização da guerra. É, por exemplo, o soldado que pensa estrategicamente em como posicionar a câmera de ação junto ao corpo antes de sair da cobertura e engajar o inimigo. É o aumento das possibilidades técnicas de produzir e transmitir, mas é, ainda mais, a didatização das formas de comunicar as guerras.

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Em se tratando da relação estabelecida entre a guerra da Ucrânia e o Comando Vermelho, quais sentidos são disputados em circulação pelos diferentes agentes envolvidos nestas publicações? De que forma são operados imaginários neste cruzamento de diferentes conflitos midiatizados? O objetivo é identificar, nos posts e comentários, como se constroem as relações e apropriações dos sentidos em diferentes disputas, inclusive as não previstas por quem publicou inicialmente. Também pretende-se traçar algumas inferências iniciais para compreender a dinâmica de imaginários que desafiam de certa forma os regimes midiáticos socialmente regulados nas plataformas digitais.

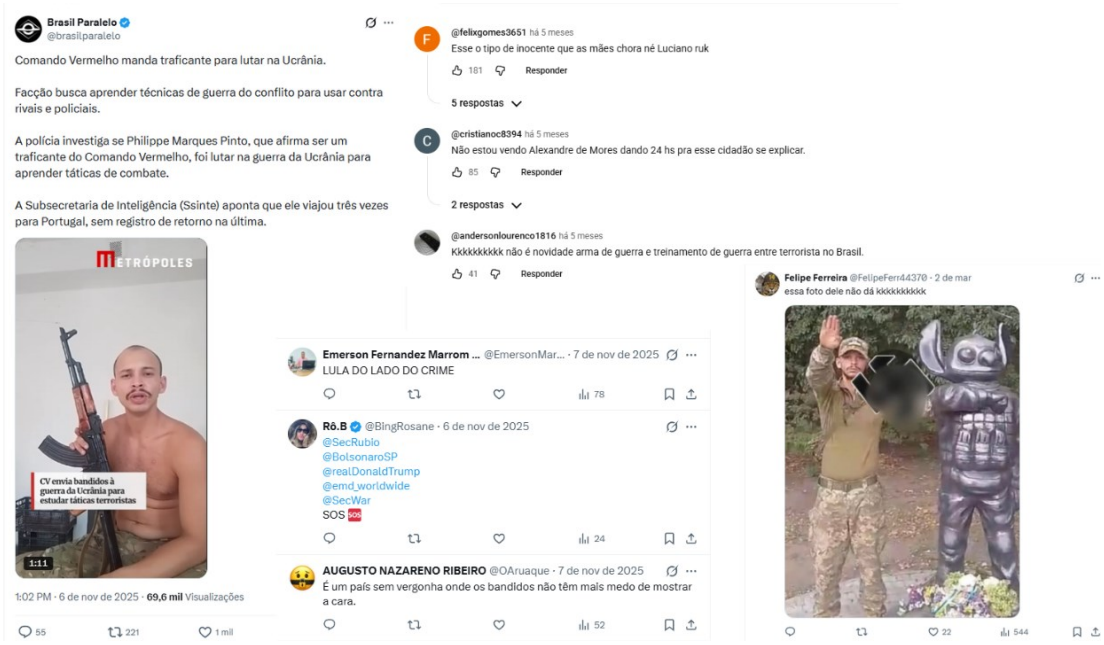


FIGURA 1 – Colagem de post e comentários sobre brasileiro na Ucrânia
FONTE – X e YouTube (2026).

Analisar a circulação é, em parte, identificar e relacionar rastros, entendendo a midiatização não apenas como fenômeno de influência midiática por meio de dispositivos tecnológicos, mas, antes disso, como um processo sobretudo ligado à semiose social, à materialização da experiência mental humana em signos (Verón, 2014). Então, há várias camadas passíveis da análise. A Figura 1 é um conjunto de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

recortes de materiais que venho observando, combinando post no X, comentários na mesma plataforma, no Telegram e no YouTube (todos sobre o mesmo tema/notícia). Cada agente ou veículo de comunicação propõe sua própria leitura e enquadramento. Por exemplo, o *Brasil Paralelo*, de matriz conservadora, destaca uma suposta intencionalidade do Comando Vermelho em enviar combatentes e aprender técnicas na Ucrânia, ao invés de uma iniciativa individual de um criminoso. A proposição é de denunciar o poder sistêmico e abrangente da facção.

Ao entramos em comentários sobre o tema, porém, o sentido toma muitos rumos diferentes. Em primeiro lugar, há críticas explícitas e veladas às posturas de figuras midiáticas e veículos (apresentador Luciano Huck, Rede Globo) sobre a abordagem na megaoperação no RJ. Importante destacar que esse circuito se forma poucos dias (início de novembro/25) após a megaoperação (28 de outubro/25). Os ânimos e ressentimentos estão em alta. Sobram também referências a figuras políticas e do Judiciário. Um ator social se refere ao presidente Lula como supostamente mancomunado com o crime no Brasil. Outro comentário pede SOS marcando perfis da direita ideológica (família Bolsonaro, Donald Trump entre outros). Também se destaca a falta de combate ao crime e a impunidade no país. Outro âmbito que emerge é a denúncia de posturas presentes nas forças ucranianas, como a aceitação de qualquer mercenário ou a apologia a símbolos e ideias ligadas ao neonazismo em algumas unidades – inclusive é inscrita na circulação uma imagem do suposto combatente do Comando Vermelho fazendo uma saudação nazista.

Um importante combustível para que os conflitos midiatizados se alastrem é o predomínio de um *modus operandi* do identitarismo (Gomes, 2025) por parte dos diferentes agentes. Quer dizer, a visão predominante é de que problemas sociais, guerras, crimes e outros pontos de tensão tem origem no conjunto de características atribuídas a determinado agente ou coletivo (neste caso, os jornalistas, artistas, políticos de certa ideologia, como os comentários atestam). Por outro lado, essas interações revelam também nuances do outro lado dessa moeda: a sensação de insegurança, de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

impunidade e falta de representatividade de uma parcela da população. A mediação tradicional adotada pelas instituições midiáticas por vezes ignora a multiplicidade de imaginários sociais. Por um lado, há o compromisso com os direitos humanos e denúncia de abusos contra cidadãos inocentes; por outro, o clamor por um combate mais efetivo ao crime e menos condescendência com quem pratica os delitos. Em tese, são duas reivindicações que poderiam conviver e agregar valor mutuamente. Na prática, há uma cisão profunda, que desloca o foco de um debate social para uma disputa de figuras políticas.

O papel do imaginário é central, penso, para compreender isso. Os agentes que entram nestas disputas em circulação se sentem impotentes politicamente para ter um impacto em algo distante ou de grandes proporções como uma guerra ou combate ao crime; a maior parte destes agentes também não vive o "real" destes conflitos no sentido material – não está fisicamente na guerra ou na troca de tiros entre polícia e traficantes. Mas todos têm um imaginário acerca de si mesmos e daqueles que pensam ser os inimigos. Esse imaginário pode não ser "bonito", nem de acordo com a moralidade e critérios de noticiabilidade, mas é necessário escavá-los para entender de onde vêm as motivações em disputas – superando as posturas de caráter identitário de denunciar como "fascista", de um lado, ou "comunista", de outro, o posicionamento de sujeitos muito diferentes, que têm passados, realidades econômicas, costumes familiares e outros componentes únicos. Como entrar a fundo nisso? Ainda não tenho uma resposta.

Não obstante, o aspecto comunicacional dos atuais conflitos que enfrentamos parece ser central para qualquer tipo de avanço de pacificação. Os conflitos midiatizados aqui abordados dão pistas de operações de sentido para construir o que se entende por guerra. A violência entre Rússia e Ucrânia já não comove mais midiaticamente; ao contrário, de certa forma incita à reprodução e naturalização de posturas belicosas, construindo um imaginário que dilui as fronteiras entre um conflito armado entre nações e a atuação policial contra traficantes. O conflito midiatizado, então, se caracteriza pela multiplicação de máquinas de guerra (Deleuze e Guattari,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

1997). Os Estados ou instituições em disputa não apostam mais somente em "propaganda" no sentido clássico, mas sim nas elaborações de atores sociais dispersos – guerreiros envoltos no nomadismo de sentidos da circulação. A estratégia não é controlar um sentido único sobre a guerra, mas deixar que os atores sociais construam suas próprias máquinas de guerra para fins específicos. Um post ou circuito de forma isolada, como analisamos aqui, não tem impacto significativo no desenrolar político ou militar em nível macro. Mas cada pequena interação como esta, em conjunto, com outros milhões, formam o ecossistema de disputas sem solução à vista no qual estamos inseridos.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.

GOMES, Wilson. **A tirania da virtude**: autoritarismo, intolerância e dogmatismo na política identitária. 1. ed. Salvador: Sagga, 2025.

ROSA, Ana Paula da. TESSITURA EM FLUXO: transformações imagéticas da Guerra da Ucrânia. In: **ANAIS DO 33° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2024, Niterói. Anais eletrônicos..., Galoá, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/tessitura-em-fluxo-transformacoes-imageticas-da-guerra-da-ucrania?lang=pt-br> Acesso em: 10 Nov. 2025.

ROSA, Ana Paula. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 42, n. 2, 2019. Disponível em: https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3137. Acesso em: 13 maio. 2026.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun 2014. Disponível em https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82928/85961. Acesso em 01 fev. 2025.